

CAPA

AMILCAR DE CASTRO: ENTRE O AÇO E A BAÍA

* Daiana Castilho Dias



Foto: Vicente de Mello

A parceria entre o IPAC Brasília (*Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura*) e o Museu do Amanhã para a criação de um *Jardim de Esculturas* na área externa do Museu introduz uma questão fundamental: qual é o lugar da arte na experiência cotidiana da cidade?

Com implantação prevista para a segunda quinzena deste mês, o projeto tem como um de seus eixos inaugurais o empréstimo e a apresentação de esculturas de grande porte de Amilcar de Castro.

Não se trata simplesmente de transferir obras para um espaço externo. Trata-se de compreender que determinadas esculturas exigem cidade, horizonte, distância e corpo.

Amilcar pertence a essa categoria rara de artistas para quem o espaço nunca foi neutro.

O aço em sua obra não é revestimento nem suporte para uma imagem. É matéria, peso, resistência, espessura. Cortar e dobrar a chapa significa enfrentar as propriedades físicas do material e, a partir delas, produzir espaço. O corte abre. A dobra desloca. O vazio torna-se tão decisivo quanto a matéria-prima.

No Museu do Amanhã, essas operações encontram uma paisagem extraordinariamente complexa.

Ali estão a arquitetura contemporânea, o jardim, a Praça Mauá e a Baía de Guanabara. Estão também diferentes tempos da história do Rio: a natureza anterior à cidade, o porto, os aterros, as sucessivas inter-

Foto: Vicente de Mello



venções urbanas e a atual ocupação cultural da região. O próprio conceito do *Jardim de Esculturas* compreende essa paisagem como uma sobreposição de processos históricos, sociais e técnicos.

É nesse território que Amilcar será colocado.

Ou, mais precisamente, é com esse território que Amilcar passará a trabalhar.

A escala das obras previstas torna essa relação incontornável. Os estudos de implantação contemplam esculturas monumentais, entre elas uma peça com cerca de 4,80 metros e outra que alcança 6 metros de altura. Não são dimensões que permitem uma relação exclusivamente frontal. Exigem deslocamento. É necessário aproximar-se, afastar-se, contornar a obra e perceber aquilo que ela recorta da paisagem.

Amilcar não coloca uma forma no espaço. Ele faz o espaço aparecer.

É precisamente essa condição que torna sua presença tão pertinente ao projeto concebido pelo Museu do Amanhã, ao qual o IPAC Brasília se associa.

O projeto investiga como o Rio transformou a natureza em cidade e como a natureza continua transformando o Rio. A escultura entra nesse campo não como comentário ilustrativo, mas como instrumento de percepção.

Através dos vazios de Amilcar, vemos outras coisas.
Vemos o céu.
Vemos a vegetação.
Vemos fragmentos da arquitetura.
Vemos a água.

E talvez passemos a perceber que aquilo que chamamos de paisagem não é uma imagem imóvel, mas um conjunto de relações em permanente transformação.



Através dos vazios de Amilcar,

vemos outras coisas.

Vemos o céu.

Vemos a vegetação.

Vemos fragmentos da arquitetura.

Vemos a água.

Nesse sentido, a criação do *Jardim de Esculturas* representa também uma expansão conceitual do próprio Museu. O Museu não termina em sua porta. Sua área externa deixa de ser apenas entorno arquitetônico e passa a constituir um território cultural.

A arte atravessa a fronteira institucional e encontra a cidade.

Essa decisão tem uma dimensão pública importante. A escultura instalada no espaço aberto não seleciona previamente seu espectador. Pode ser encontrada por quem visita o Museu, mas também por quem atravessa a Praça Mauá, caminha pela orla ou chega à região por qualquer outra razão.

Há uma dimensão democrática nesse encontro.

O espectador pode conhecer Amilcar profundamente ou nunca ter ouvido seu nome. A obra estará igualmente diante dele.

O projeto estabelece, assim, uma continuidade importante na trajetória do IPAC, que já desenvolveu em Brasília uma experiência de implantação de esculturas de Amilcar de Castro na Praça Burle Marx.

Brasília ofereceu à obra de Amilcar uma condição espacial muito particular. O aço encontrou o concreto, a escala monumental da arquitetura moderna, os grandes vazios e a extensão do céu do Planalto Central. A escultura não decorava aquele espaço: confrontava sua escala.

A experiência acumulada pelo IPAC Brasília naquele projeto constitui um precedente importante para a implantação no Rio, mas não um modelo a ser simplesmente repetido.

Porque o Rio exige outra operação.

Na Praça Burle Marx, a escultura enfrenta a monumentalidade moderna de Brasília. Na Praça Mauá, encontra uma geografia definida pela presença da água e por séculos de transformações entre natureza e construção humana.

Brasília é horizonte.

O Rio é passagem.



Foto: Vicente de Mello

Entre terra e água, porto e praça, jardim e arquitetura, o território diante do Museu do Amanhã é marcado pelo movimento. A obra de Amilcar introduz nesse movimento uma pausa – não uma imobilidade, mas uma concentração do olhar.

Essa relação entre escultura e paisagem está no centro do projeto. As obras são concebidas como presenças capazes de estabelecer relações com o percurso, a escala do corpo, a vegetação, a arquitetura, a incidência da luz, o vento e a Baía.

A escultura muda ao longo do dia.

Muda porque a luz muda.

Muda porque o céu muda.

Muda porque o espectador muda de posição.

O aço permanece, mas sua experiência nunca é exatamente a mesma.

A criação do *Jardim de Esculturas* deve ser compreendida também no contexto da consolidação da área portuária

como um território cultural do Rio de Janeiro. A Praça Mauá voltou a constituir um espaço de encontro e permanência na cidade. Inserir ali um conjunto significativo de esculturas brasileiras significa acrescentar uma nova camada a esse processo: transformar a experiência da arte em parte da experiência cotidiana do território.

O Jardim nasce com essa ambição de continuidade.

Amilcar constitui um núcleo decisivo, mas não exclusivo. O projeto vai estabelecer relações com obras de outros artistas, indicando a possibilidade de constituição progressiva de um campo de investigação da escultura brasileira no espaço público.

É importante que seja assim.

Um parque de esculturas não deveria tornar-se um depósito monumental de objetos. Deve produzir relações. Relações entre obras, gerações, materiais, arquitetura, vegetação, história e espectadores.

O *Jardim de Esculturas* do Museu do Amanhã poderá constituir justamente esse território experimental.

Para o IPAC Brasília, o projeto reafirma uma linha de atuação construída a partir da aproximação entre arte brasileira, patrimônio e espaço público. Depois da experiência da Praça Burle Marx, em Brasília, a implantação no Museu do Amanhã permite colocar novamente a obra de Amilcar em contato direto com a escala da cidade.

Há ainda uma espécie de geografia simbólica nesse percurso.
Do centro político moderno do país à antiga porta marítima do Brasil.
Do cerrado à Guanabara.
Do concreto à água.
Em ambos os lugares permanece o aço.

Mas o aço de Amilcar nunca está simplesmente colocado sobre uma paisagem. Ele interfere nela, mede suas forças, cria tensões e introduz vazios através dos quais podemos voltar a enxergá-la.

Talvez seja essa a contribuição mais importante desta parceria entre o IPAC Brasília e o Museu do Amanhã: compreender que ocupar culturalmente o espaço público não significa apenas levar arte para a cidade. Significa permitir que a arte produza novas formas de experimentar a própria cidade.

Na Praça Mauá, diante da Baía de Guanabara, as esculturas de Amilcar não serão apenas vistas.

Elas nos ensinarão novamente a ver o Rio.

** Daiana Castilho Dias é diretora executiva do IPAC Brasília*

Foto: Vicente de Mello

